

## “Um galo sozinho não tece uma manhã”: entrevista com o escritor Alex Dau

Terezinha Taborda Moreira\*

Alex Dau é o pseudônimo do escritor Paulo Alexandre Dauto da Conceição, natural de Quelimane, região da Zambézia, em Moçambique. Formado em literaturas Portuguesa e Africana pela Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, atuou com o Programa Literário “Leituras” na Televisão de Moçambique, sob a direção do escritor Nelson Saúte, e tem obras publicadas em diversas revistas e semanários de seu país e, agora, do Brasil, onde lançou, em março deste ano, o livro de contos **O galo que não cantou e outras histórias de Moçambique** pela Editora Nandyala, de Belo Horizonte. No prefácio da segunda edição de sua obra **Reclusos do tempo**, publicada pela Oleba Editores em Maputo, em 2017, Hélder Nhamaze aponta a singularidade da escrita de Alex Dau quando afirma que o escritor “coloca Moçambique olhando para si próprio através das suas vivências, das suas idiossincrasias e da suas metamorfoses”.

De fato, é um Moçambique contemporâneo que vemos circular pelas ruas, becos, maximbombos, mercados e casas que conformam os cenários apresentados em uma escrita que investiga, em gesto perquiridor, as formas pelas quais a nação ainda desenha sua identidade. Nesses cenários, velhos, velhas, prostitutas, jovens, crianças, ladrões e trabalhadores coexistem nos espaços de subjetivação de uma escrita que se abre para eles, desvelando sua condição subalternizada, mas também a resiliência com a qual elegem ocupar seu espaço no mundo.

Constelar, a escrita de Alex Dau passeia pelo campo e pela cidade, espelhando a realidade moçambicana em tramas que suturam, em filigrana, os detalhes, as minúcias, as particularidades que marcam uma sociedade cuja encenação estética se desloca entre a realidade e o insólito para descortinar, para o leitor, a pluralidade de vozes que conformam Moçambique em uma pós-independência que ainda clama por dias melhores. Nesa entrevista que, gentilmente, nos concede, o autor descortina para nós a condição do escritor em Moçambique, a situação do mercado de livros, a relação entre a escrita e a oralidade, a tradição e a modernidade, o passado e o presente do país e os limites de sua tradução nas diversas mídias com que atua em sua produção estética.

---

\* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2. Coordenadora do Grupo de Pesquisa África e Brasil: repertórios literários e culturais.

**Terezinha Taborda Moreira (TTM) - É perceptível, em alguns de seus contos, um olhar para a realidade contemporânea de Moçambique. Por isso, gostaria de iniciar nossa conversa perguntando-lhe como se dá o seu processo de criação? Você se inspira em imagens cotidianas, em cenários da realidade moçambicana, no imaginário da cultura tradicional?**

Alex Dau (AD)- O cotidiano moçambicano realmente contribui para concepção dos meus textos, mas por vezes sou socorrido por imagens de outrora, recalçadas na minha mente que ainda alimentam o meu mundo imagiário. A minha terra, a infância ainda são alicerces da minha criação a própria oralidade.

**TTM - Como esses elementos interferem e/ou se fazem presentes em seu processo criativo?**

AD - Por vezes uma imagem do cotidiano traz-me à lembrança um momento do meu passado, e aí começa então o processo de criação inserido nas minhas origens. Posso, por exemplo, lembrar de uma história de outrora.

**TTM - Quais são, para você, as principais questões com as quais o escritor se depara hoje em Moçambique?**

AD - O mercado livreiro, desde a edição até a distribuição, passando pela crítica literária. A estrutura de absorção do livro esta completamente desmontada, desde as bibliotecas até as livrarias.

**TTM - Gostaria de entender melhor como esses problemas apontados por você impactam no escritor. Eles impedem o surgimento de novos escritores? Se sim, como? Se não, o que continua movimentando a escrita literária em Moçambique, a despeito desses constrangimentos?**

AD - A movimentação da escrita esta diretamente ligada aos seus fazedores, que são amantes desta disciplina. Esses, através de cooperação mútua, conseguem levar a cabo atividades culturais ligadas à literatura. As poucas editoras que temos são seletivas na escolha dos autores, elas não apostam num autor desconhecido, Mas isto é comum em qualquer lugar do mundo, então, aí o novo autor tem que guerrear para conseguir editar. As editoras em Moçambique funcionam muitas vezes com patrocínios, e estes patrocínios também vão, muitas vezes, para escritores já conhecidos. As poucas livrarias que temos comercializam mais literatura estrangeira, e estas estão localizadas em Maputo. O novo autor tem que fazer um trabalho de divulgação que acarreta custos para fazer conhecer a sua obra. As próprias editoras não tem fundos para essas atividades.

**TTM - A releitura crítica da história da colonização tem frequentado, reiteradamente, a produção literária moçambicana. Como você vê esse aspecto da literatura moçambicana que se produz hoje?**

AD - Creio que a temática colonização fica um pouco descontinuada com a nova geração de escritores. Mas a temática, por oferecer valores históricos, deixa-nos tentados a enveredar por esse caminho, recontar a história seguindo essa linha temática é uma maneira de compreender a nossa história de uma maneira simples.

**TTM - Porque essa temática fica descontinuada com a nova geração de escritores? Que questões/temas frequentam a escrita que se produz hoje no país?**

AD - No meu caso particular temas ligado a espiritualidade me levam a debruçar sobre esse assunto, de um modo geral a temática que os escritores optam creio que esse assunto remete a academia.

**TTM - A propósito da pergunta anterior, como a história da colonização é lida pelo jovem moçambicano hoje?**

AD - Para além do básico adquirido na escola sobre o colonialismo, os jovens pouco buscam esse saber, os desafios do cotidiano aferem outras prioridades.

**TTM - Como a literatura moçambicana contemporânea responde, se é que responde, às demandas dos jovens na atualidade? A partir de que pressupostos ou alternativas ela dialoga com o público moçambicano hoje?**

AD - Quando as temáticas estão relacionados com assuntos juvenis os poucos que se interessam pela literatura respondem de maneira positiva, isso percebe-se quando estes comentam sobre textos lidos, e isto incentiva o próprio autor.

**TTM - A relação com o sagrado é marca da literatura moçambicana, em razão do diálogo intenso que os escritores propõem entre a modernidade e a cultura tradicional. Como você percebe a relação da cultura com o sagrado na atualidade? Ainda prevalecem os valores tradicionais na sociedade contemporânea?**

**Como se dá a sobrevivência desse sagrado nos dias de hoje?**

AD - A tradição ainda esta bem presente na vida dos moçambicanos, apesar da modernidade que se faz sentir no meio urbano, enquanto o meio rural prevalece ligado ao sagrado. A dualidade entre a tradição e a modernidade conflitua grandemente na mente do cidadão, mas creio que o sagrado prevalece. O misticismo que o sagrado oferece alimento à mente do escritor e do leitor.

**TTM - Você poderia exemplificar como o sagrado se faz presente no meio urbano?**

AD - Um cidadão que busca cura num hospital convencional e não encontra solução procura tratamento espiritual, pois a ligação com os espíritos ainda é a base da sociedade.

**TTM - Como a literatura contemporânea se relaciona com o sagrado?**

AD – Ela, a literatura, continua muito vinculada ao sagrado, que ainda é base da nossa cultura. No fundo estamos ligados a esse elemento e será muito difícil dissociarmo-nos dele. Acho que o colonialismo, através da igreja, tentou, mas não conseguiu apartar as práticas do sagrado da sociedade. O próprio sistema político pós independencia também tentou sem, entretanto, conseguir.

**TTM - Você pode falar mais sobre essa relação do escritor e do leitor com o sagrado na contemporaneidade? Porque a igreja e o colonialismo não teriam conseguido romper com a relação do homem com o sagrado na sociedade moçambicana?**

AD - O sagrado confere soluções que se buscam para os problemas cotidianos e o testemunho passado de geração em geração confere uma robustez à aliança existente entre o passado e o presente. A tentativa de romper essa aliança encontra resistência entre o próprio sujeito moçambicano.

**TTM - Você dialoga ou se inspira em outros escritores em seu processo criativo?**

AD - Não creio que sofra alguma influencia pois busco meu método próprio de escrever, se fosse influenciado seria simplesmente a extensão de um outro escritor. Posso ser motivado por eles de certa maneira. Mas tenho meu próprio alicerce.

**TTM - Você poderia falar mais sobre esse alicerce em que ampara sua escrita?**

AD - Sinceramente é difícil dizer algo que eu mesmo considero um mistério. Por vezes penso que sou guiado por um espírito e os elementos externos são só uma ferramenta.

**TTM - Como foi sua entrada na Associação dos Escritores Moçambicanos?**

AD - O meu primeiro livro *Reclusos do tempo*, saiu sob a chancela da Associação dos Escritores Moçambicanos, daí a minha entrada para à organização em 2009.

**TTM - Para você o que teria propiciado essa chancela da AEMO para sua primeira publicação?**

AD - Os meus textos, por terem sido publicados na imprensa de maior tiragem, conferiam certa legitimidade a minha escrita, pois já tinha angariado muitos leitores.

**TTM - O sistema literário moçambicano é bem consolidado, com uma gama significativa de escritores cujas obras são publicadas nacional e internacionalmente, inclusive com muitas traduções de obras em vários países. No entanto, sabemos que o mercado do livro tem enfrentado muitos problemas decorrentes da crise do próprio objeto livro, que hoje divide espaço com outros suportes de informação e entretenimento. Que desafios você identifica para a edição e a distribuição de livros em Moçambique?**

AD - Identificar potencial consumidor seria logo a partida o elemento chave, suponhamos que o estado compra-se os livros as editoras, aí uma cadeia de valores estaria salavagurdada. As outras plataformas de entretenimento não constituem ameaça para o mercado livreiro se tivermos uma estrutura bem consolidada. Os países mais desenvolvidos passaram por essas ameaças e o livro sobreviveu, em Moçambique não seria diferente.

**TTM - Mas isso não vincularia a distribuição do livro apenas ao investimento público?**

AD - Até poderia, mas como plataforma inicial para divulgação do livro essa iniciativa serviria perfeitamente, pois as bibliotecas estariam recheadas de livros e aí trabalharíamos no incentivo à leitura e em outros elementos preponderantes.

**TTM - Como é ser editor em Moçambique?**

AD - No meu país existem mais graficas e coordenadores que executam projectos literários do que propriamente editoras, mas isso é bom para consolidar a qualidade a médio prazo.

**TTM - Conte-nos um pouco sobre sua experiência como diretor do programa “Leituras” na Televisão de Moçambique.**

AD - A minha afeição pelo audiovisual conferiu-me a possibilidade de dirigir um programa sobre literatura numa época que poucos sabiam da minha veia literária, foi um desafio lançado e cumpro com zelo essa função num canal de TV nacional, foi prazeroso e intrínseca a relação da minha pessoa com esta missão.

**TTM - Você pode falar mais sobre suas ações como diretor do programa? Como você tratava temas e conteúdos do programa? Quais eram seus objetivos com a direção? Como você associava sua “veia literária” com as ações de direção?**

AD - O apresentador do programa trabalhava também como produtor estabelecendo contatos com os autores, e de certa forma eu aprendia também ouvindo muito desses escritores, pois eu ainda não tinha livro publicado. Na direção do programa eu cuidava mais da parte técnica.

**TTM - Existem projetos da AEMO ou das editoras moçambicanas com as escolas direcionados para a formação de leitores? E programas públicos de difusão da leitura votados para a educação de crianças e jovens?**

AD - Desconheço os projectos da Aemo nesse sentido. Mas como autor procuro difundir o meu trabalho pelo país, sabendo a priori que as actividades culturais e artisticas estão mais centradas em Maputo. Sei de grupos culturais de trabalho nesse sentido como o “Grupo Xitende” na provincia de Gaza e a “Kulemba” na provincia de Sofala com a sua sede na cidade da Beira, respeito o trabalho destes grupos e os louvo.

**TTM - Qual o status da produção literária voltada para crianças e jovens em Moçambique? Você tem projetos nessa área?**

AD - Depois de em 2017 ter participado num projecto de uma coleção de livro infantil desenvolvido pela “alcance editores” onde participei com o livro infantil “os meninos a bola e o macaquinho” fiquei motivado a trabalhar para o público infantil, tenho algum material não editado para dar o meu contributo nessa área.

**TTM - Que impactos você identifica na mudança de recepção do artefato literário quando ele passa a acontecer por meio da compra do livro?**

AD - A posse do livro como algo material confere uma mobilidade interessante, esse artefacto ainda não tem muito impacto em Moçambique.

**TTM - Por quê? O que, em sua opinião, motiva o impacto do livro em Moçambique?**

AD - A divulgação do livro esta a criar um interesse nos futuros leitores. Percebe-se hoje que há muita vontade e entrega dos escritores para se fazerem conhecer entre os leitores.

**TTM - Quais são os desafios para a inserção da escrita literária num universo ainda predominantemente oral?**

AD - Um assunto muito complexo que terá que passar necessariamente por uma avaliação mais ponderada, visto haver falta de domínio da leitura em todas as línguas do país, então a oralidade constitui uma ferramenta para disseminação da informação. Acho que o audiovisual podia servir como uma grande alavanca para o domínio da escrita,.

**TTM - Fale-nos sobre a produção cinematográfica em Moçambique. Você tem projetos cinematográficos em andamento? Pode falar-nos sobre ele?**

AD - Infelizmente os custos de produção audiovisual são grandes e a falta de incentivos às artes inibe a sua criação, temos que ser perseverantes se quisermos levar avante os projectos. Estou a dirigir um documentário de curta duração sobre o “mapiko” que é uma manifestação cultural do povo makonde da província de Cabo Delgado. Mas pretendo dedicarmos a produção deste género de conteúdos pois o nosso país é rico culturalmente e nós desconhecemos a cultura um do outro.